PRÁTICAS PEDAGÓGICAS PARA O DESENVOLVIMENTO DA LEITURA E ORALIDADE

Hellen Cardoso Alves[1]; João Emanuel Paulino Magalhães[2]; Victor Hugo de Oliveira Henrique[3]

[1]Graduanda em de pedagogia da Universidade Estadual do Ceará, Faculdade de Educação e Ciências Integradas do Sertão de Canindé (FECISC/UECE), Canindé, Ceará, Brasil, E-mail: hellen.cardoso@aluno.uece.br

[2]Graduando em pedagogia da Universidade Estadual do Ceará, Faculdade de Educação e Ciências Integradas do Sertão de Canindé (FECISC/UECE), Canindé, Ceará, Brasil, E-mail: emanuel.magalhaes@aluno.uece.br

[3]Doutor em de Ciências Ambientais pela Universidade do Estado de Mato Grosso, Professor da Universidade Estadual do Ceará, Faculdade de Educação e Ciências Integradas do Sertão de Canindé (FECISC/UECE), Canindé, Ceará, Brasil, E-mail: victor.henrique@uece.br

Introdução

A alfabetização constitui um processo fundamental para o desenvolvimento social, cognitivo e cultural das crianças, demandando práticas pedagógicas que compreendam a escrita como atividade socialmente situada e vinculada às necessidades comunicativas contemporâneas. Nesse sentido, Antunes (2016, p. 02) destaca que as transformações culturais e tecnológicas do mundo atual ampliaram significativamente as exigências relacionadas ao domínio da linguagem escrita, afirmando que o "novo mundo atual […] tem criado uma série de novas necessidades. Entre elas, é claro, a exigência de que todos saibam ler e escrever". Assim, compreender os diferentes níveis de alfabetização torna-se essencial para reconhecer como as crianças formulam hipóteses sobre o sistema de escrita e constroem, progressivamente, suas competências leitoras e produtoras.

Apesar da crescente circulação de textos na sociedade, Soares (2003) destaca que muitas escolas ainda não garantem práticas reais e escrita que aproximem o aluno das situações concretas do uso da língua. Para a autora, o letramento envolve inserir o estudante em experiências significativas de leitura e produção textual, pois "é na participação em eventos de letramento que se desenvolvem as habilidades e competências necessárias ao uso da escrita" (Soares, 2003, p. 31). Essa compreensão também se estende ao processo inicial da alfabetização, no qual as crianças avançam por diferentes níveis de construção da escrita, manifestando maneiras diversas de relacionar fala, texto e representação gráfica.

À luz desse referencial, realizou-se uma atividade de observação em uma escola da rede municipal de ensino de Canindé, com crianças da turma do Infantil V, com o objetivo de identificar em que níveis de alfabetização cada aluno se encontrava e como mobilizavam suas hipóteses de escrita em situações espontâneas e dirigidas. Ao longo da visita, foi possível observar produções e comportamentos característicos de distintos níveis, incluindo

registros pré-silábicos, tentativas silábicas com e sem valor sonoro, escritas silábico-alfabéticas e produções que já demonstravam domínio mais consolidado do princípio alfabético.

A heterogeneidade constatada confirma a perspectiva defendida por Antunes (2016), que enfatiza a necessidade de reconhecer que os sujeitos percorrem trajetórias distintas no processo de apropriação da linguagem escrita. Assim, práticas pedagógicas eficazes devem respeitar essas diferenças e promover intervenções ajustadas às necessidades de cada criança. A observação realizada permitiu compreender a complexidade dos níveis de alfabetização presentes no grupo, evidenciando a importância de propostas intencionais, significativas e coerentes com os avanços e desafios apresentados pelos aprendizes.

Metodologia

A pesquisa caracteriza-se como qualitativa de natureza exploratória, com abordagem bibliográfica, entendida, conforme Minayo (2001), como aquela que "responde a questões muito particulares" e busca interpretar significados, valores e percepções presentes nos fenômenos estudados. Com base nessa perspectiva, realizamos uma revisão bibliográfica que envolveu a seleção criteriosa de artigos científicos, livros e trabalhos acadêmicos disponíveis no Google Acadêmico, priorizando produções que discutissem a alfabetização em seus diferentes níveis de ensino. Em continuidade ao percurso metodológico, utilizamos o estudo de caso, compreendido segundo Yin (2001) como uma estratégia de investigação que permite analisar um fenômeno em seu contexto real, favorecendo uma compreensão mais aprofundada. A partir dessa abordagem, conduzimos uma observação voltada a identificar como se desenvolve o nível de ensino no processo de alfabetização, articulando as práticas observadas com os referenciais teóricos e construindo uma análise mais consistente sobre o fenômeno investigado.

Resultados e discussão

O estudo das práticas pedagógicas observadas em uma turma de infantil V, permitiu o estabelecimento de um diálogo crítico com o referencial teórico de Irandé Antunes (2016), que aborda o desenvolvimento de competências em escrita, leitura e oralidade. A sala de aula se apresenta como um ambiente organizado e intencionalmente preparado para o letramento, destacando-se o uso de um cartaz que acompanha e classifica o nível de escrita de cada criança (pré-silábico, silábico, silábico-alfabético ou alfabético). Essa estratégia de diagnóstico visual, observada nas fichas, materializa a premissa de que a prática docente deve promover um trabalho de reflexão e análise do próprio processo de escrever (Antunes, 2016).

As atividades propostas, como o reconhecimento do nome e a formação de palavras com sílabas no chão, são ações que buscam inserir as crianças nas "novas necessidades socioculturais de interação" (Antunes, 2016, p. 04). As observações de campo revelaram claramente a diversidade das hipóteses de escrita, desde os traços e riscos dos níveis pré-silábicos até as tentativas de correspondência sonora dos níveis silábicos. A professora atua como mediadora, incentivando a autonomia ao pedir que os alunos "tentassem sozinha primeiro" e orientando-os a "observarem letras, sons e formas". Essa postura valoriza a hipótese de escrita da criança

e ajuda a "desmontar os mitos" de que escrever é difícil, reforçando o princípio de que a aprendizagem é um "processo acumulativo" (Antunes, 2016, p. 10).

Ademais, as práticas pedagógicas potencializam o desenvolvimento das competências essenciais discutidas pela autora. A valorização de todas as produções dos alunos e o incentivo para que mostrem e discutam seus resultados com os colegas concede-lhes o papel de autor. Com isso, é favorecida tanto a Competência para a Autoria onde o indivíduo se assume como "enunciador" quanto a Competência para a Interação, na qual a escrita se configura como um "lugar de encontro entre autor e leitor" (Antunes, 2016, p. 06). O ato das crianças repetirem as sílabas em voz alta para conferir a grafia evidencia o desenvolvimento da Competência para a Funcionalidade Comunicativa, pois a escrita é vista como uma atividade com propósito.

Um ponto de atenção levantado pela observação é a "ausência de um espaço de leitura fixo ou estruturado" na sala. Este achado reflete a crítica de Antunes (2016) à escola que se mantém "demasiadamente oralizada" e que opera com "poucos livros", limitando o acesso autônomo e a exploração da Competência para a Escrita de Textos. No entanto, a intervenção organizada da professora, pautada no diagnóstico psicogenético, mostra que o trabalho pedagógico busca, de maneira eficaz, responder à escrita como uma "exigência de inclusão social", cumprindo o papel de indicar "um caminho, porque por ele já passou e conhece suas veredas" (Antunes, 2016).

Além das práticas já feitas na escola, notou-se que a organização da rotina contribuía para consolidar as hipóteses de escrita das crianças. Atividades como a própria chamada ou identificação de pertences se mostraram momentos ricos para avaliar como cada criança mobiliza seus esforços de conhecimentos sobre letras, silabas e sons. Essas ações cotidianas reforçam a concepção de Antunes (2016) de que a alfabetização se fortalece nas vivencias já que, como afirma a autora o sentido da escrita só é eficaz quando inserida em práticas reais e socialmente reconhecidas. Assim, mesmo pequenas ações do dia a dia funcionaram como espaço potentes de aprendizagem.

Outro ponto também relevante diz a respeito sobre a forma como os estudantes interagiam entre si durante a atividades. Observou-se que, ao tentar escrever palavras coletivamente ou em dupla, as crianças compartilhavam hipóteses, verbalizando suas ideias e revisavam juntas seus registros, exercitando a dimensão interacional da escrita. Essa troca é essencial para uma construção de sentidos e está de acordo com a noção de que a escrita e um lugar de encontro entre o autor e o leitor (Antunes, 2016). A mediação da professora, ao reconhecer e valorizar essas interações, mostrou-se fundamental para incentivar processos colaborativo e para promover uma aprendizagem mais participativa e dialética.

Por fim, a análise revelou que, apesar dos avanços, ainda existem desafios de expandir o repertorio textual oferecido as crianças. A falta de um espaço estruturado de leitura limita o contato com diferentes gêneros, suportes e finalidades da escrita, o que impacta diretamente por desenvolvimento das competências. Nesse sentido Antunes (2016) lembra que é a partir das variedades de vários textos (quadrinhos, receitas ou xilogravura) principalmente os enfatizados pelo sujeito, que a criança entende para que a escrita existe. Assim ampliar o acesso à leitura e diversificar as experiencias com textos torna-se essencial para o fortalecimento do processo de alfabetização e garantindo uma aprendizagem mais completa e significativa.

Considerações finais

Em última análise, as práticas pedagógicas observadas nas turmas evidenciam que o processo de alfabetização apresenta elevada heterogeneidade quanto aos níveis e às hipóteses de escrita formuladas pelas crianças. Tal constatação corrobora a perspectiva de Antunes (2016), segundo a qual a aprendizagem da linguagem escrita constitui um processo gradual, reflexivo e socialmente situado. Observou-se que os estudantes percorrem trajetórias distintas, que se manifestam desde registros pré-silábicos até produções que demonstram domínio mais consolidado do princípio alfabético. Esses achados reforçam a necessidade de intervenções pedagógicas que respeitem as especificidades individuais e que promovam situações de reflexão sobre letras, sons e funções comunicativas.

Verificou-se, igualmente, que as práticas docentes analisadas se alinham a um trabalho intencional e fundamentado, especialmente pela valorização das hipóteses infantis, pela mediação realizada de forma sistemática pela professora e pelo incentivo à autoria e à interação entre os alunos. Tais ações demonstram um compromisso efetivo com o desenvolvimento das competências de leitura, escrita e oralidade discutidas por Antunes (2016). Contudo, identificaram-se desafios relacionados à ampliação do repertório textual e à ausência de um espaço estruturado de leitura, o que limita o acesso autônomo a diferentes gêneros e suportes textuais. Assim, conclui-se que a experiência analisada representa um avanço significativo na construção de práticas alfabetizadoras mais conscientes e significativas, ao mesmo tempo em que indica a necessidade de ampliar o ambiente letrado da instituição, a fim de potencializar aprendizagens mais completas e socialmente relevantes.

Palavras-Chave: Alfabetização. Níveis de Escrita. Letramento. Práticas Pedagógicas. Educação Infantil.

Referências Bibliográficas

ANTUNES, Irandé. Práticas pedagógicas para o desenvolvimento das competências em escrita. **Ensino de produção textual.** São Paulo: Contexto, p. 9-21, 2016.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

YIN, Robert K. Estudo de caso: **planejamento e métodos. 2.** ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília, DF: MEC, 2018. Disponível em: https://basenacionalcomum.mec.gov.br/.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros.** 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.